

A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO NO CONTEXTO DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

MAFRA, Adriana Linhares ¹

CORBANI, Clair Terezinha ²

RESUMO

A presente pesquisa busca conhecer a relevância de estimular a alfabetização e letramento na fase inicial de escolarização. Sabe-se que a alfabetização deve ser concebida como um ato em que o sujeito consegue sair da superficialidade do texto e vai rumo ao centro do texto lido. Dessa forma, o leitor consegue compreender a intenção do autor, como também entender a mensagem central. Estimular a leitura nas séries iniciais do ensino fundamental pressupõe expor as crianças ao contato aos diversos gêneros textuais presentes em circulação na sociedade. Assim, para estimular o exercício e hábito da leitura, é necessário propor práticas que mostrem o quanto é prazeroso e estimulante ler um texto. Para isso, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica tendo como arcabouço teórico: Brasil (1998; 1996; 1997), Coll (1996), Ferreiro (2001), Ferreiro e Teberosky (1999), Freire (1982), Lakatos (2006), Soares (2008), Solé (1998), Teberosky e Tolchinsky (1996), Tfouni (2006), Vygotsky (1984). Ao final, percebe-se que no contexto das séries iniciais do ensino fundamental, vê-se o quanto é relevante estimular esse hábito por ser uma fase em que o aluno está adquirindo costumes e hábitos e, assim, formar um cidadão que levará consigo mesmo esse hábito e que, conseqüente, para ser um disseminador para as pessoas do seu convívio.

Palavras-chave: Leitura. Séries Iniciais. Formação Discente.

1 INTRODUÇÃO

A motivação para escolha do tema surgiu através da vivência e da atuação na escola que alfabetiza crianças nas séries iniciais do ensino fundamental, objetivando em um ambiente educativo com práticas que formem a base necessária para vida escolar do educando e assim construir no futuro uma sociedade de cidadãos críticos

¹ Aluna do Curso de Licenciatura em Letras do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. 01 – 2016.

² Orientadora. Possui graduação em Letras – Inglês, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR); Especialização em Magistério da Educação Básica, Interdisciplinaridade na Escola, pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (IBPEX); Especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA), pelo Centro Universitário Curitiba, (UNICURITIBA); Especialização em Educação a distância com ênfase na formação de tutores, pelas Faculdades São Braz (SÃO BRAZ). Professora do Centro Universitário Internacional UNINTER.

com intuito de valorizar, e respeitar a cultura a natureza a vida, e com isso poder construir, inovar e fortalecer o seu crescimento e de toda sociedade, porém, para obter-se tal meta é necessária, uma reflexão sobre o processo de alfabetização da criança em início de escolarização.

A educação hoje é considerada a porta ideal para o futuro, pois ela é o alicerce verdadeiro para construir cidadania. A alfabetização é uma das etapas para a inserção da criança no mundo da leitura e da escrita. Conforme a LEI9394/96 da LDB, que regulariza a educação no país, que deve ocorrer mediante uma ação educativa, que contribua para o desenvolvimento intelectual e social do educando, esse é um processo contínuo de aperfeiçoamento e aprimoramento que ocorre de maneira gradativa.

Estar alfabetizado hoje vai além do ato de codificação e de decodificação. Além do espaço proporcionado pela escola, alfabetizar é dar condições ao educando e proporcionar inserção ao mundo da escrita por meio da prática que viabilize a interação, a interpretação e o contato com diversos textos escritos que circulam socialmente.

Com base a esse tema, a pesquisa tem como objetivo refletir as dificuldades do trabalho docente desse processo. Espera-se que essa abordagem contribua de forma significativa para que os profissionais da educação reflitam sobre sua formação, sobre a importância de estar sempre se renovando, se atualizando frente às dificuldades diárias nas práticas docentes no processo de alfabetização.

O estudo seguiu a linha de pesquisa bibliográfica, cuja metodologia partiu do levantamento e seleção de obras e de autores especializados no segmento educacional no sentido de montar a base teórica para o desenvolvimento da investigação e dar provimento ao que se tem como objetivos contextuais do assunto tema.

2 LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: ESTREITANDO RELAÇÕES EM FAVOR DO APRENDIZADO

Os termos alfabetização e letramento se completam em seu significado, e em prática será incluso na vida da criança, em seu uso diário, pois é a partir da alfabetização e letramento que a criança passa a se apropriar da leitura e escrita e

assim adquirir a habilidade de interpretação e compreensão podendo se expressar de forma natural em seu cotidiano.

Deste modo, a criança quando alfabetizada tem os conhecimentos prévios que correspondem as suas competências e habilidades de forma a ter melhores condições de aquisição do conhecimento de forma contextualizada. Portanto a alfabetização e o letramento ocorrem conforme a criança tem acesso à aprendizagem desenvolvendo as suas habilidades de leitura e escrita integrando a compreensão e interpretação do ambiente ao qual está inserida.

A prática da leitura advém dos primórdios da civilização onde o homem consegue compreender através dos sinais dos seus ancestrais, novos caminhos apresentam-se proposto para o ensino da leitura. Identificar por sua vez ler, os alunos verbalizam suas ideias demonstrando a evolução humana pelo conhecimento da leitura e revelam uma significação, portanto ler é se apropriar da imaginação e manter informado dos novos caminhos a serem descobertos.

De acordo com PCN (BRASIL, 1997, p. 51), a leitura é “um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção, uma atividade que implica, necessariamente compreensão no qual os sentidos começam a ser constituídos”. A leitura é um precioso instrumento para ponderar conhecimento por proporcionar o contato do leitor entre o viver e compreender.

O trabalho com crianças pequenas exige muitas disponibilidade e responsabilidade, o educador deve ser flexível, revendo diariamente sua prática pedagógica para que desta forma faça a diferença na educação. É de fundamental importância, que o educador ao desenvolver atividades lúdicas em sala de aula ou em ambiente não escolar, esteja este livre de preconceitos, de medo, ou receios. O professor precisa repassar segurança a criança, para que ela possa integra-se a brincadeira e, assim o docente desenvolver os conteúdos previamente elaborado.

Portanto, quando os pais acompanham o processo de estímulo a leitura em casa com seus filhos, pois excluir essa prática permitirá que a criança antes de chegar à escola tenha o hábito da leitura. Nesse contexto, a escola fica responsável em dar continuidade ao incentivo pelo gosto da leitura no ambiente escolar, dessa forma, o aluno perceberá que o hábito da leitura fluirá como uma fonte em que se revigora sem cessar.

Lê traz liberdade aproxima o homem as Informações necessárias para formar indivíduo há provas a serem vencidas para que os personagens

alcancem al que desejam, entre o real e o cotidiano do imaginário mostre a leitura como algo muito difícil a ser enfrentado, mais por isso valiosa (SOLÉ, 1998, p. 91).

No entanto, vê-se como importante o despertar para a responsabilidade social promovendo condições incessantes no mundo e ao seu redor, havendo compreensão e ideias novas a serem formadas através de saber avaliar a leitura. Portanto, a escola ficará responsável de incentivar e motivar ao hábito da leitura como sendo momento interessante.

É evidente a contribuição da escola no desenvolvimento cognitivo da criança, de proporcionar experiências significativas que contribuam para formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade, é papel do professor promover um ensino sistematizado que garanta a interação com o aluno para promover seu processo de desenvolvimento.

Na certeza de que o desenvolvimento do processo de leitura nas escolas não pode ser trabalhado de maneira isolada do desenvolvimento educacional, mas elaborado a partir da percepção que a criança tem sobre o mundo e sobre a realidade em que vive. Cabe ao professor proporcionar a criança o desenvolvimento da leitura e escrita de forma dinâmica, criativa e prazerosa.

Segundo os PCN (BRASIL, 1998),

O primeiro elemento dessa tríade, o aluno, é o sujeito da ação de aprender, aquele que age sobre o objeto de conhecimento. O segundo elemento, o objeto de conhecimento, é a língua portuguesa, tal como se fala e se escreve fora da escola, à língua que se fala em instâncias pública e a que existe nos textos escritos que circulam socialmente. E o terceiro da tríade o ensino, é, neste enfoque teórico, concebido como a prática educacional que organiza a mediação entre sujeito e objeto de conhecimento (BRASIL, 1998, p. 32).

Nesse sentido, é papel do professor não somente ensinar a ler, escrever e calcular, como tradicionalmente era feito, mas levar o aluno a ler e escrever textos com coerência, buscando o sentido das palavras e ampliando seu vocabulário. “Produzir linguagem significa produzir discursos” (BRASIL, 1997, p. 22).

Com base nisso, o educador deve proporcionar a criança o contato com diversos tipos de textos que circulam socialmente articulando as disciplinas que a lei ampara, respeitando a cultura onde o aluno vive e a relação destas com as outras regiões de modo interdisciplinar. Segundo Teberosky e Tolchinsky (1996):

Capacidade de ler criticamente textos, de reproduzir e criar textos, adaptando aos diferentes propósitos comunicativos;

Dominar a escrita para resolver questões práticas, ter acesso à informação e as formas superiores de pensamento e desfrutar a literatura (usos sociais da escrita) e;

Dominar os usos sociais das diferentes formas notacionais que se utilizam em nossa sociedade: gráficos, esquemas e ícones convencionais (iconização de produtos comerciais, sinais de trânsito, embalagens, folhetos...) (TEBEROSKY e TOLCHINSKY, 1996, p. 13).

Na atualidade, é imprescindível que o educando se aproprie da linguagem oral e escrita. Ler, escrever, compreender o mundo. Nesse sentido, é papel da escola formar leitores críticos, formadores de opinião, que desconfiem das palavras buscando um novo sentido. De acordo com a concepção de Freire (1982):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos (FREIRE, 1982, p. 21).

Na certeza de que o processo de apropriação da linguagem é algo muito natural, o mesmo se desenvolve a partir da interação social em que o ser humano, no caso a criança, mediante as relações pessoais e interpessoais, no qual vai se descobrindo e aprendendo a viver em uma sociedade.

Dentre as argumentações, vê-se que a sociedade exige um indivíduo alfabetizado compreendendo o mundo de maneira letrado, e com isso também as famílias refletem muito na educação a forma de como a criança se desenvolve. Desde cedo, a família tem como missão proporcionar à criança um ambiente letrado, com isso a criança passa a ter um conhecimento mais amplo e sistematizado quando entram em contato com a escola, ambos cumprem um papel muito importante para o desenvolvimento do aluno.

Recentemente, a LDB nº 9394/96 foi modificada pela Lei nº 11274, de 2006. A lei determina o ensino fundamental de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando aos 6 (seis) anos de idade tendo por objetivo, a formação básica do cidadão.

Segundo o contexto educacional, percebe-se que no Brasil tem-se pesquisado incessantemente para a compreensão dos fundamentos alfabetizadores. São perceptíveis os avanços que ocorrem neste segmento do conhecimento, no entanto alfabetizar contempla um processo complexo e ímpar, não se restringindo apenas a assimilação da leitura e da escrita.

Diversos métodos estão disponíveis para garantir um processo significativo e positivo em relação às práticas alfabetizadoras, no entanto, será tomado como reflexão os métodos sintéticos e analíticos - métodos sintéticos (soletração, fônico, silábico) as educadores conheçam a mediar o conhecimento nas práticas de alfabetização a partir das estruturas "mais simples", tais como letras, fonemas ou sílabas, para em seguida contemplar a combinação em palavras, frases e pequenos textos, privilegiando a relação grafofônica de acordo com Ferreiro e Teberosky (1999):

O método sintético insiste, fundamentalmente, na correspondência entre a oral e o escrito, entre som e grafia. Outro ponto chave para esse método é estabelecer a correspondência a partir dos elementos mínimos, num processo que consiste em variadas partes ao todo. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 21)

Já os métodos analíticos (sentenciação, palavrão) pressupõem inicialmente as práticas alfabetizadoras com as unidades complexas da língua, em seguida, a análise dos pequenos fragmentos: letras, sílabas e fonemas. Nesse contexto, Ferreiro e Teberosky (1999, p. 23) afirmam que "segundo o método analítico e o reconhecimento global das palavras ou das orações; a análise dos componentes e uma tarefa posterior".

Diversos educadores utilizam-se dos referidos métodos de alfabetização para que os educandos possam ter domínio da leitura e da escrita, ou seja, alfabetizada. No entanto, em algumas situações eles não garantem a efetividade alfabetizadora, haja vista, que a aquisição do código linguístico se mostra amplo e complexo, dentre outros fatores que podem comprometer os processos cognitivos de leitura e da escrita, assim devem ser uma espécie de apoio para o professor mediador, porém não se pode mostrar como fator determinante para os processos de aquisição da leitura e escrita.

Comungando desse mesmo ideal de Ferreiro e Teberosky (1999, p. 31) afirmam que: "o método (enquanto ação específica do meio) pode ajudar ou frear, facilitar ou dificultar; porém, não pode criar aprendizagem". Assim, percebe-se que os métodos não podem se mostrar enquanto remediador das dificuldades do processo alfabetizador, haja vista, que cada aluno contempla o seu processo cognitivo de maneira diferente e num fluxo temporal diferente, ou seja, cada aluno possui um ritmo próprio de aprendizagem.

O processo de aprendizagem pode variar de acordo com as potencialidades ou dificuldades, no entanto, percebe-se uma necessidade de uma espécie de sistematização e intencionalidade que ampliem as potencialidades dos alunos no que diz respeito à aquisição da leitura e da escrita na educação formal. Em vista disso, percebe-se que a temática que envolve os métodos se mostra tão importante quanto os outros aspectos inerentes às práticas alfabetizadoras.

Em suma, os métodos alfabetizadores podem variar e podem ser adequadas às especificidades de cada aluno, sendo que os mesmos devem a todo o momento proporcionar aos educandos as habilidades no que tange não só a identificação dos códigos alfabéticos, mas prepará-los para que os mesmos possam responder aos desafios do cotidiano social, contemplados nas práticas diárias da leitura e escrita, isso é perceptível em casos de algumas pessoas que não sabem ler a palavra "banheiro" mas compreende a função dos mesmos pelos símbolos ou emblemas que representam a função de indicar que o referente recinto tem serventia como banheiro.

2.1 Alfabetização e letramento

É perceptível que não basta simplesmente ler e escrever, se o educando não consegue envolver essa prática com competência para o uso da leitura e da escrita nas práticas sociais cotidianas, com esse contexto percebe-se que as pessoas que são alfabetizadas, por ventura, não tem a competência de ler um simples jornal, redigir um documento (declaração, requerimento dentre outros) ou até mesmo escrever ou ler um simples bilhete.

Ou seja, ser alfabetizado não é suficiente para que o educando ou quaisquer cidadãos possa responder aos desafios do cotidiano social. Assim como apenas ser alfabetizado não era sinônimo do ser hábil nas práticas de leitura e escrita nas variadas práticas sociais, surgiu o termo letramento, para atender as demandas do cotidiano social dos educandos.

Esta é considerada apenas a ótica acerca do letramento dentre várias existentes, a exemplo disso (SOARES, 2008, p. 18) afirma que a letramento pode ser considerado como "[...] o resultado da ação do ensinar ou aprender a ler e escrever; o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita". Apesar das variadas concepções é

possível afirmar que a maioria delas parte do pressuposto associado às práticas sociais da leitura e escrita.

Tfouni (2006) afirma que o letramento apesar de mais completo na formação alfabetizadora, não pode ser em hipótese alguma desconectado ou substituído pela alfabetização, pois a alfabetização forma a base necessária para as práticas dispostas no letramento, em vista disso o mesmo deixa bem claro sua visão e entendimento acerca do letramento como pode ser percebido no texto a seguir,

Por isso. Explicito aqui minha posição: letramento, para mim, é um processo cuja natureza é sócio histórica, pretendo, com essa colocação, opor-me a outras concepções de letramento atualmente em uso que não são nem processuais, históricas. Ou então adotam uma posição "fraca" quanto a sua opção processual e histórica. Refiro-me a trabalhos nos quais muitas vezes, encontra-se a palavra letramento usada como sinônimo de alfabetização (TFOUNI, 2006. p. 31).

A partir das palavras do autor supracitado, é possível afirmar que o letramento não surgiu para substituir a alfabetização, haja vista, que ambos apresentem propostas importantes, mas distintas para a formação inicial do educando, ou seja, o uso crítico consciente das práticas sociais de leitura e escrita.

Baseado nisso, discorre que os educadores contemporâneos, devem estar atentos e porque não dizer conscientes da real função de alfabetizar, que seria segundo o autor, a criação de possibilidades para que o educando criança, jovem adulto, possa desenvolver a potencialidade no que tange a codificação e decodificação do sistema alfabético.

Hoje, a discussão acerca da alfabetização do letramento tornou-se frequente não apenas pelo fato de só haver a necessidade de ambos no contexto educacional dos primórdios da educação formal. Mas pelo fato de que muitos educadores deixaram de lado o processo de alfabetizar substituindo-o pelo letramento.

Esse fenômeno se mostra enquanto problemática, ambos constituem um ciclo do processo cognitivo, haja vista, que alfabetizar não pode em hipótese alguma ser marginalizada na sala de aula, mesmo porque para que o aluno possa envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita, se fez necessário inicialmente que o mesmo tenha o domínio do código linguístico.

Nesse contexto, é possível afirmar que tanto o ato de alfabetizar quanto o ato de letramento constituem na essência do processo de ensino-aprendizagem, dois momentos distintos, mas importantes na mesma proporção, tendo um papel fundamental para que ocorram as práticas sociais da leitura e escrita.

Entretanto, vale a pena ressaltar, que ambos não devem ser mediados isoladamente, apesar das suas características peculiares, pois o coerente seria que o professor mediador utilize os dois fundamentos de maneira simultânea mesmo que sucinta. Baseando-se nisso, é possível perceber o quanto se faz importante a alfabetização nas premissas do letramento, dessa forma o educador tem que compreender ambos os processos como indispensáveis para que o educando potencialize as habilidades do código linguístico e possa assim, responder as pretensões das práticas sociais de leitura e escrita na sociedade contemporânea.

2.2 A importância das referências cotidianas para a alfabetização e o letramento

Ao observar o universo infantil bem antes da criança contemplar a educação formal, pode-se perceber que a mesma já tem os primeiros contatos com os códigos linguísticos, haja vista que a leitura e a escrita já se fazem presente no seu contexto familiar através dos símbolos ou signos - "sinal indicativo; símbolo, ou seja, qualquer objeto, forma ou fenômeno que representa algo diferente de si mesmo e que é usado no lugar deste numa série de situações a balança em lugar de 'justiça'; a suástica, de 'nazismo' etc". (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0, 2009, p. 22).

Nessa fase 0-3 (anos), a criança começa a ser letrada por assim dizer, através do contato com os diversos suportes e detentores das características dos gêneros textuais, a exemplo: quando os pais leem para seus filhos, quando a criança esboça uma escrita própria pelo rabisco significando ser um bilhete e etc. Com isso, a criança passa a contribuir com o seu processo de ensino, pois na escola formal já terá algumas referências importantes, onde o professor mediador identificá-las e usá-las como base para suas práticas pedagógicas (SOARES, 2008).

Nesse contexto, faz-se necessária que a instituição de ensino perceba essa pré-disposição, potencial dando continuidade a esse processo, proporcionando aos educandos a sua apropriação baseando-se nos pressupostos das práticas sociais da leitura e escrita, possibilitando aos mesmos o contato com variadas tipificações de textos, bem como, a compreensão dos mesmos em suas respectivas significações.

Para Soares (2008), não basta apenas que o educando esteja convivendo com diversos materiais escritos, se faz necessário também orientá-los da maneira sistemática e progressiva para que as mesmas possam se apropriar do sistema da

escrita, contemplado da maneira paralela ao letramento. Nesse contexto, o processo cognitivo que envolve a leitura e escrita, não se perpetua tão somente em determinado tempo, mas num fluxo temporal que contempla um trabalho a médio, e longo prazo contínuo.

Paralelo a isso, as práticas dispostas no letramento devem se ater as mesmas premissas, não sendo ainda restrito apenas a disciplina da língua portuguesa, mas deve seu desempenho e fazer parte integrante de todas as disciplinas pressupondo a interdisciplinaridade constante em suas ações educacionais, haja vista, que é dever de todos os educadores independentemente do seu campo de conhecimento específico de atuação, inserindo o educando no processo de letramento.

Baseado nisso, discorre nos enunciados de diversos autores e pesquisadores em educação que a alfabetização e o letramento se mostram indispensáveis para a formação do indivíduo, tendo em vista que a sociedade atual se encontra cada vez mais globalizada, exigindo cada dia mais dos entes sociais, proporcionando novas necessidades a partir de demandas externas, inserindo a escola em um processo contínuo de reflexão acerca do seu papel social, dando maior qualidade no ensino, e conseqüentemente contribuindo de forma significativa para a formação de seres críticos e conscientes na sociedade atual.

Quando reflete sobre a ação docente nas contribuições de Soares (2008), é possível perceber a importância do professor mediador como o mais 'experiente' na relação professor/aluno. A presença do mesmo no processo cognitivo é importante, quando se percebe a possibilidade de recriação por parte do educando; bem como, a reflexão sobre a relação das informações assimiladas culturalmente pelo professor e a referencial para as novas concepções elaboradas pelos alunos.

2.3 As potencialidades desenvolvidas acerca da leitura e da escrita no âmbito familiar

As crianças podem contemplar práticas de Leituras e escritas em suas atividades cotidianas com os pais ou atores sociais que se encontram ao seu redor. Na obra de Ferreiro e Teberosky (1999), denominado de "Psicogênese da Língua Escrita", é considerado até hoje com referência no estudo das formas de aquisição de leitura a escrita.

Dessa forma, pode-se perceber que esse processo de mediação, gerenciado pelo adulto ou por outros seres sociais, proporciona a criança a apropriação de uma consciência imprópria, memória, atenção categoria ou até mesmo inteligência, emprestadas pelo mediador, que servem como referencial para uma futura concepção formada em sua mente, que por ventura: serão à base de suas atitudes no meio social. Esse ponto de vista é defendido por autores como Coll (1996), que em sua obra define essa forma de mediação como relevante nas ações concernentes ao processo cognitivo.

Pode-se perceber a partir da concepção formada por Coll (1996) que através da interação com o educando, o professor mediador proporcionar ao mesmo, o contato com seus conhecimentos até então assimilados e ao longo do tempo, permitindo que o mesmo possa evoluir a partir dessas novas informações, não a considerando como absoluta e única, mas formando a base necessária para a formulação de novas concepções.

Nisso, discorre que a criança anterior ao ingresso escolar, mantém-se em contato direto com os códigos linguísticos, haja vista, que a leitura e a escrita já se manifestam em atividades cotidianas da criança a exemplo do período em que a mesma começa a perceber o mundo a partir dos símbolos. Dessa forma, a leitura disposta nas atividades lúdicas assume a forma simbólica, ou do faz de conta (SOARES, 2008).

A criança ao se deparar num momento de interação com a escrita, não age de maneira passiva, pois reflete em vista as situações de maneira positiva, construindo à reconstruindo hipótese de maneira, diga-se de passagem, mutável, sendo ator principal no seu processo de desenvolvimento como todo.

Dessa forma, as crianças ao serem inseridas no ambiente das práticas do letramento, já podem contribuir com o próprio processo de ensino por serem detentores de conhecimentos sobre a língua bem como as funções da mesma na sociedade. Baseado nisso, é possível afirmar que essas potencialidades devem ser levadas em consideração ao iniciar o processo de alfabetização da criança, por manter uma relação com suas atividades cotidianas, e conseqüentemente parte de sua vida social.

Nesse contexto, para Ferreiro e Teberosky (1999), é de suma importância criar uma base sólida com as premissas alfabetização e letramento para que haja uma contribuição significativa nas disciplinas e conhecimentos que virão a seguir.

Isso implica num desenvolvimento maior nas fases educacionais a seguir, pois a criança ao possuir experiências com a língua e com o uso da mesma em seu cotidiano passa a perceber as funções da leitura e da escrita.

A partir desse pressuposto, percebe-se que a criança reconhece os usos da leitura à escrita em suas disposições antes 'mesmo' de estarem alfabetizadas, e para esse fato que as mesmas devem ter em seu processo de alfabetização a inserção de textos reais, isso pode ser identificado como uma premissa de letramento.

Comungando desse ideal, a mediação social proposta por Vygotsky (1984), direciona suas ações de forma contrária a mediação instrumental que por vezes não leva em consideração as habilidades cotidianas do educando. Nessa outra forma de mediação proposta pelo autor a figura do professor enquanto mediador é considerado de suma importância no processo cognitivo, haja vista, que o professor tem uma determinada relevância para o pesquisador como ser mais experiente, que facilita e auxilia a assimilação de conhecimento, imaginação e imitação, isso acontece segundo o autor na fase dos 2 (dois) aos 6 (seis) anos de idade. E essa fase é caracterizada pela transformação do objeto no que se refere só seu significado, a exemplo um simples pedaço de tijolo representando um carro, ou seja, a leitura a partir do objeto.

Portanto, ao final deste tópico, compreende-se que criar um ambiente estimulador para alfabetização e letramento não se restringe a simples decoração da sala de aula ou prática do professor, mas também deve receber influência do domínio de fatores externos e que exercem relação e que sem esses fatores ocasionam um desenvolvimento mais lento e conseqüentemente trará prejuízos ao discente.

3 METODOLOGIA

No trabalho acadêmico se fez uso do método de abordagem dialético que consiste em não envolver apenas questões ideológicas, geradoras de polêmicas, mas sim, investigar a realidade pelo estudo de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza da sociedade.

A metodologia selecionada para a pesquisa se caracteriza como do tipo bibliográfico, pois ocorrerá, primeiramente, um levantamento bibliográfico para fundamentar e direcionar a presente pesquisa. Em seguida, será desenvolvida uma reflexão sobre as informações obtidas nas obras que abordam a temática da educação infantil e coordenação pedagógica.

Segundo Lakatos (2006), não há um conjunto de procedimento para o desenvolvimento do método dialético. O processo dialético implica rupturas, uma catarse e um processo de trabalho e aproximação sucessiva da verdade que, por ser histórico sempre é relativo.

Lakatos, afirma que:

A validade da prova científica é fundamentada na lógica interna do processo e nos métodos que explicitam a dinâmica e as contradições internas dos fenômenos, e explicam as relações entre homem-natureza, entre reflexão-ação e entre teoria-prática (LAKATOS, 2006, p. 20).

Nestes termos, através dos conceitos crítico-dialéticos buscou-se atingir os objetivos propostos no projeto de pesquisa e teve a influência maior nos procedimentos de documentação direta. Como também, através de documentação indireta, onde a observação se baseará no levantamento documental escrito, onde envolveu um tema delimitado, baseando-se nos critérios de relevância, onde requereu uma busca de fundamentação teórica em fontes bibliográficas e documentais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com objetivo de refletir sobre a relevância da alfabetização e letramento nas séries iniciais, constatou-se que um possível caminho para sanar essa lacuna está na produção de material pedagógico para desenvolver e aplicar metodologias atrativas e mais dinâmicas no aspecto da leitura e escrita e também na carência de estímulo cognitivo no processo aprendizagem dos discentes.

A pesquisa permitiu compreender como pode acontecer a prática da alfabetização e do letramento na escola para um desenvolvimento mais efetivo da criança. Quando se aborda com um modo de alfabetizar e letrar que visa à mudança, deve-se levar em estíma não só o aspecto cognitivo de uma criança. É

admirável refletir também sobre os aspectos afetivos particulares, uma vez que o aluno é um ser intrincado, de múltiplas dimensões.

A criança começa a ser letrada no momento em que entra em contato com as diversas manifestações textuais, quando ouve uma música infantil ou até mesmo quando em contato com tinta ou lama a criança reproduz o formato da sua mão ou pé no chão de sua casa. Assim, é de suma importância que ao chegar à escola, os professores possam estar dando continuidade a esse processo possibilitando ao educando a apropriação das variadas formas textuais em uma ótica contextualizada às suas experiências.

Sabe-se nos dias atuais, para que ocorra a transformação significativa na sociedade, se faz necessário que os seres que nela estão inseridos tenham oportunidades iguais de aprendizado, haja vista, que essa ótica promove uma educação prioritária, contextualizada e igualitária, no qual visa a todo o momento amenizar as desigualdades sociais fazendo com que a alfabetização e o letramento se tornem processos relevantes para a inserção social.

Assim, por meio da realização desta pesquisa, verifica-se que num mundo em evolução constante, composto por um panorama histórico e político de ideias diversificadas, faz-se imprescindível à valorização do homem como sujeito-reflexivo apropriado de atuar dialeticamente neste conjunto social. Por isso, é necessário que seja efetivado um trabalho de alfabetização que julgue a formação de um sujeito independente construtor da própria vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª séries)**. Brasília: MEC/SEF, 1997, 10 volumes.

COLL, C. Psicologia e Educação: aproximação aos objetivos e conteúdos da psicologia da educação. In: C. COLL; J. PALACIUS e A. MARCHESI (org.).

Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1996.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização.** 24. ed. São Paulo: Autores Associados, 2001.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2006.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2008.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

TEBEROSKY, A.; TOLCHINSKY, L. **Além da Alfabetização.** São Paulo: Ática, 1996.

TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1984.